

Hran pede socorro

ANA MARIA CAMPOS
DA EQUIPE DO CORREIO

OHospital Regional da Asa Norte (Hran) está sem condições de realizar cirurgias gerais de emergência. Por falta de pessoal, o pronto-socorro corre o risco de fechar as portas para o atendimento de pacientes que precisem ser operados. Com a gravidade da situação, o diretor do HRAN, Evandro Oliveira e Silva, recomenda que a população procure outros hospitais quando precisar de ajuda.

O motivo é a falta de profissio-

nais. Atualmente 13 especialistas atendem todos os casos de cirurgias gerais do hospital. Para fazer cirurgias de emergência, seria preciso o dobro de profissionais. O Hran faz em média 1,8 mil cirurgias por mês só na emergência – são 60 cirurgias gerais por dia, em média. Os mesmos médicos têm de se desdobrar com os casos marcados com antecedência.

A situação preocupa bastante o diretor-geral do HRAN, Evandro Oliveira e Silva. “Não tenho sombra de dúvidas de que seremos obrigados a aconselhar as pessoas a evitar o pronto-socorro do

hospital”, afirma. “É claro que não deixaremos de atender os casos mais críticos, com risco de vida. Mas receio que outros pacientes tenham que esperar muito por um atendimento”, acrescenta.

Evandro diz que o déficit de cirurgiões gerais aumentou no início do ano, com a aposentadoria de seis médicos. Por causa disso, a Secretaria de Saúde está providenciando contratações emergenciais temporárias de 30 profissionais para um período de dois anos. Doze médicos serão destinados ao HRAN. A estimativa do diretor do hospital, entretanto, é

de que eles só comecem a trabalhar na segunda quinzena de setembro. “Não podemos enganar a população. Não seria uma postura ética e profissional”, ressalta. “O Hospital de Base fica a menos de um quilômetro, onde o quadro de cirurgiões gerais está completo, com 34 médicos.”

Além da cirurgia geral, o HRAN presta atendimento emergencial em outras especialidades como ginecologia, obstetrícia, pediatria, clínica geral, sem apresentar dificuldades.

No caso da cirurgia plástica para acidentados e queimados, o

HRAN tem sempre três médicos de plantão e não enfrenta problemas, segundo Evandro. “O hospital é referência no Centro-Oeste nessa área em termos de atendimento público e a situação está completamente normal”, ressalta.

Segundo um dos cirurgiões do HRAN, que prefere não se identificar, a direção do hospital cogitou na semana passada fechar o pronto-socorro. O assunto foi tratado em uma reunião. O número reduzido de profissionais, explicou o médico, não é suficiente para as cirurgias eletivas e as de emergência. Por isso, muitas ve-

zes os médicos não têm condições de atender todo mundo.

A intenção do diretor do HRAN era divulgar um comunicado à população para esclarecer-lhe dos problemas no pronto-socorro. Mas a idéia não é bem-vinda na Secretaria de Saúde. “Em menos de uma semana, os médicos contratados já estarão trabalhando. Não vejo motivo para desviar os pacientes para outros hospitais”, afirma o subsecretário de Atenção à Saúde, Mário Sérgio Nunes. “Temos de garantir a credibilidade do HRAN que é importante para o Distrito Federal”, disse.